

IV ciclo de estudos

conferências
exposições
visitas de estudo
encontros

janeiro a junho | 2013

A Casa e a Terra

recursos, afectos e
formas de habitar



**Casa e crise: da conquista do direito à
habitação à destruição do estado-providência.**

Rui Jorge Garcia Ramos

17 de janeiro | 17 horas

Biblioteca Municipal de Viana do Castelo



Casa e crise: da conquista do direito à habitação à destruição do estado-providência

Rui Jorge Garcia Ramos

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto | Centro de Estudos de
Arquitetura e Urbanismo | Grupo de Investigação Atlas da Casa CEAU-FCT

O século XX é o século da casa. Pela primeira vez artistas, técnicos e políticos trouxeram o problema da construção de habitação em massa para a primeira linha do debate... foi e continua a ser uma negociação e um compromisso entre o arquitectónico e o político.

Mas a colocação do problema da casa no "centro" do século é, antes de mais, reconhecer-lhe um papel vital na construção do pensamento moderno e na sua transformação em instrumento de poder. Na gestão deste balanço são delineadas as políticas públicas de habitação que vão propor e impor outras formas de habitar ao legislarem sobre os espaços da casa e sobre os hábitos de vida mais enraizados. O reduto doméstico da vida privada é assim submergido pelo direito à habitação, o que num estado-providência é um investimento pessoal e um compromisso com sentido colectivo, num estado autoritário é a mão do controlo político e da intromissão social.

A modernidade é a aceitação deste impasse negocial entre público e privado. A modernidade é a crise. No tempo longo do século XX é possível observar que a casa e as formas de habitar acompanham a modernidade; ou seja, a crise da habitação é a crise da modernidade. Ao olharmos a recente demolição de edifícios de habitação, construídos poucos décadas antes, para resolver a falta de casa das classes laboriosas, percebemos o anacronismo dessa solução radical que acredita numa "solução final" e ignora a própria dialética onde se insere. A crise que esses edifícios resolveram quando foram erguidos é agora prolongada, com o seu abandono e degradação, numa crise social, económica e ecológica mantida pela sua demolição.

Casa e crise são indissociáveis dos processos de construção da modernidade e da cidadania do século XX; são processos violentos, invasivos, que se renovam em soluções provisórias até à próxima crise. Mas é no reconhecimento deste dilema que hoje devemos procurar um outro compromisso social, colectivo, na defesa da qualidade de vida e do estado-providência, do qual, afinal, a Europa pós 1945 é a maior construção e, apesar de tudo, um exemplo de sucesso.